



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC

GABRIEL DE SOUZA PAZ

**A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD'S) EM APLICATIVOS DE
RELACIONAMENTO AFETIVO**

BRASÍLIA

2021

GABRIEL DE SOUZA PAZ

**A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD'S) EM APLICATIVOS DE
RELACIONAMENTO AFETIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de
Comunicação, da Universidade de Brasília,
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação
Organizacional.

BRASÍLIA

2021

GABRIEL DE SOUZA PAZ

**A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD'S) EM APLICATIVOS DE
RELACIONAMENTO AFETIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Organizacional, defendido e aprovado em 17 de maio de 2021, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Felipe Polydoro
(Orientador)

Prof. Dr. Elen Cristina Gerales
(Membro)

Prof. Dr. Ellis Regina Araújo da Silva
(Membro)

Prof. Dr. Delcia Maria de Matos Vidal
(Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo apoio, incentivo, ajuda e carinho de sempre. Aos meus amigos, por estarem ao meu lado. Aos entrevistados(as) que contribuíram contando um pouco de suas histórias de vida, relatos e que me fizeram crescer muito. E ao professor Felipe Polydoro, pela contribuição e orientação deste trabalho de forma impecável.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a experiência de pessoas com deficiência em aplicativos de relacionamento afetivo, suas vivências e o contato com o público que os utiliza. Além disso, procurar conhecer o mercado de trabalho, a vida social, familiar, acadêmica, e os desafios e preconceitos encontrados no dia a dia do público estudado. Para atingir os objetivos, foi utilizada a metodologia da entrevista em profundidade e a abordagem qualitativa, por meio da aplicação de formulário online. Foi possível apurar comportamentos similares que pessoas sem deficiência têm em relação ao público de PCD's nos aplicativos; desde conversas, até preconceitos e atitudes que podem afastar o público estudado desses *apps*. Frente aos insumos e resultados levantados, é indicada uma série de recomendações e estratégias para oferecer melhores experiências às PCD's no uso de tais aplicativos para, assim, torná-los mais acessíveis.

Palavras-chave: Pessoas com deficiência. Aplicativos de relacionamento. Inclusão. Acessibilidade. Comunicação digital. Tinder.

ABSTRACT

The present work has as objective to analyze the experience of people with disabilities on affective relationship applications, their perception and their contact with the public that uses it. In addition, we aim to understand the market, the social, familiar and academic life, and the challenges and prejudices found on the daily life of the public studied. To achieve the objectives, it was performed the in-depth interviews methodology and the qualitative approach, through the application of an online form. It was possible to determine similar behavior that people with no disability have related to the public with disability on the apps; since conversations, until prejudices and attitudes that can move away from the apps the public studied here. Before the data and results obtained, it is indicated a serie of recomendations and strategies to offer better experiences to the disabled people on their use of these apps, so it can become more accessible.

Keywords: Disabled people. Relationship applications. Inclusão. Acessibility. Digital communication. Tinder.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
1.1 O PÚBLICO PCD.....	09
1.2 CAPACITISMO.....	10
1.3 A EDUCAÇÃO COMO PONTE PARA O COMBATE AO PRECONCEITO.....	11
1.4 PCD'S NO MERCADO DE TRABALHO.....	13
1.5 APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO.....	16
2 METODOLOGIA.....	21
2.1 PRIMEIRA ENTREVISTADA: MARÍLIA.....	21
2.1.1 Marília x Aplicativos de relacionamento.....	22
2.2 SEGUNDA ENTREVISTADA: JÚLIA.....	24
2.2.1 Júlia x Aplicativos de relacionamento.....	25
2.3 TERCEIRO ENTREVISTADO: LUCAS.....	26
2.3.1 Lucas x Aplicativos de Relacionamento.....	27
2.4 QUARTA ENTREVISTADA: CARLA.....	29
2.4.1 Carla x Aplicativos de relacionamento.....	30
2.5 QUINTA ENTREVISTADA: LARA.....	31
2.5.1 Lara x Aplicativos de relacionamento.....	32
2.6 SEXTO ENTREVISTADO: SÉRGIO.....	34
2.6.1 Sérgio x Aplicativos de Relacionamento.....	35
3 RESULTADOS GERAIS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
APÊNDICE.....	44

INTRODUÇÃO

A diversidade e a inclusão vêm se tornando temas cada vez mais importantes nos meios social, profissional, familiar, de relacionamentos, tecnológico, econômico e religioso. As relações mudam constantemente, e a sociedade tem de estar preparada para essas mudanças. Oportunidades, tratamento e direitos iguais são fundamentais para uma sociedade mais igualitária. Aproximadamente, 25% da população possui alguma deficiência (ROSENBERGUER, 2019) e luta, por vários anos, para ter as mesmas oportunidades que qualquer outro indivíduo tem nas esferas sociais. Informa a psicóloga Araci Nallin, citada por Sasaki (2003), que:

A mobilização das pessoas deficientes no sentido de uma luta reivindicatória é fato bastante recente na história do nosso país. Os grupos com esta característica começaram a surgir em fins de 1979 e início de 1980, período que coincidiu com o início da 'abertura' política que permitia o debate de vários temas e a organização de diversos setores da comunidade. Antes deste período, a questão das pessoas deficientes era ligada à religião ou à medicina e seus porta-vozes eram os religiosos e os profissionais de reabilitação (NALLIN apud SASSAKI, 2003, p. 4).

É recente a demanda de maior visibilidade para as pessoas com deficiência. Em todas as esferas e cenários em que vivemos, as PCD's também estão, e as pessoas sem deficiência têm como papel andar junto na luta contra o preconceito e o capacitismo no dia a dia. A começar pela forma como nos relacionamos, reconhecer que a pessoa com deficiência também tem o poder de transformar, agregar, construir e contribuir no meio social é o primeiro passo para uma sociedade mais inclusiva.

O objeto desta pesquisa delimita-se a entender como foram as experiências, histórias, conversas, encontros e relações das pessoas com deficiência em aplicativos de relacionamento afetivo, como o Tinder, Badoo, Happn, OkCupid¹, entre outros. Buscamos averiguar se esses aplicativos são acessíveis, se buscam incluir todos os públicos e se oferecem ferramentas necessárias para que todos consigam dialogar e conhecer quem está do outro lado.

Para entender essas experiências e questionamentos, a pesquisa teve como objetivo conhecer as histórias de seis entrevistados de diversas regiões do Brasil, com diferentes idades, etnias e sexualidades, por meio de dois formatos: entrevistas em

¹ Exemplos de aplicativo de relacionamento afetivo.

profundidade, realizadas on-line pelo Google Meet, Microsoft Teams e ICOM²; e coleta de dados através de formulário online, pelo Google Forms³. O trabalho foi desenvolvido em três capítulos.

O primeiro buscou contextualizar, com o apoio de referências bibliográficas, vários cenários, como nomenclaturas que já foram utilizadas para se referir ao público de PCD's, o capacitismo na sociedade atual, a educação, o meio profissional e familiar, o uso dos aplicativos de relacionamento e a relação que todas essas frentes têm entre si em algum momento.

O segundo apresentou o percurso metodológico feito por meio dos insumos que os(as) entrevistados(as) ofereceram nas pesquisas realizadas. Por fim, no terceiro, apresentamos a análise desses insumos, juntamente com os resultados, identificando pontos em comum e estratégias para tornar os aplicativos mais inclusivos, evidenciando algumas experiências similares e a luta contra o preconceito. Portanto, o objetivo, aqui, foi, além de trazer todos esses cenários para que o leitor entenda a importância do tema e seu impacto na sociedade, andar juntos na luta contra o capacitismo e o preconceito.

² Ferramentas de entrevistas por meio de videochamada.

³ Ferramenta de criação e aplicação de formulário on-line.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O PÚBLICO PCD

Para que seja possível realizar uma análise qualitativa sobre o público que servirá de insumo para o estudo desta monografia, é preciso entender o contexto social, o meio profissional, os aplicativos de relacionamento e as relações e dificuldades em que elas e eles se encontram.

Por muitos anos, as Pessoas Com Deficiência (PCD's) foram definidas e moldadas por diversos termos e siglas. Desde o século 20, o público foi chamado de termos como: “os inválidos”, “os incapacitados”, “os deficientes”, “os excepcionais”, “pessoas deficientes”, “pessoas especiais”, “portadores de direitos especiais”, entre outros (SASSAKI , 2003).

Segundo Sasaki (2003), após diversas mudanças de nomenclatura e da tentativa de encontrar um significado que representasse de forma simples um nome para esse público, chegou-se a “Pessoas Com Deficiência”. Esse termo dá identidade, inclusive ao próprio público, gerando valor, empoderamento, responsabilidade e voz, em que, assim, se torna possível enxergar diversidade e inclusão por onde atuam. A pessoa ter ou não algum tipo de deficiência é algo que faz parte dela, mas sua deficiência em si não é o que a define.

A partir disso, é importante entender que muitas deficiências são advindas de nascença, genética ou de questões que levaram a pessoa a ter aquela deficiência. Segundo um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, há, aproximadamente, 45 milhões de pessoas com deficiências auditiva, mental/intelectual, motora e visual no país. É um público extenso e vasto, com pessoas que se tornaram deficientes por vários motivos: acidentes, doenças degenerativas ou, até mesmo, pela idade avançada; e há pessoas que nasceram ou adquiriram a deficiência por genética ou questões biológicas (CAMARANO, 2004).

Esse movimento de banalização da deficiência não significa que se ignorem as necessidades particulares de muitos dos deficientes. Ao contrário, o objetivo é mostrar que o universo dos deficientes é muito mais extenso do que se costuma averiguar quando a deficiência é contabilizada em função apenas da existência de pessoas com grave comprometimento da capacidade visual, auditiva, intelectual ou motora (CAMARANO, 2004, p. 112).

Grande parte da sociedade ainda enxerga a deficiência como limitadora de convivência, em que a pessoa com deficiência ou tem que se adequar aos meios em que vive – como o trabalho, a vida social e familiar, etc –, ou não precisa ou não deve ter uma vida comum como a de qualquer outro, já que, por ser deficiente, não tem condições suficientes para viver em sociedade.

Porém, por que o “diferente” ou aquele fora do padrão de beleza não tem possibilidade de sucesso, felicidade, de constituir uma família, de ter uma moradia ou de ter qualquer outro direito garantido a grande parte da população?

1.2 CAPACITISMO

Diversos fatores fazem com que a sociedade enxergue e trate as PCD's como vulneráveis e/ou sem algum tipo de papel/função social. Porém, o maior causador desse preconceito, sem dúvidas, é o capacitismo, uma forma de discriminação direcionada a pessoas com deficiência. Ou seja, se trata, basicamente, de quando se enxerga esse público como incapaz de realizar algo – como trabalhar, ter um relacionamento ou pagar as próprias contas – devido à sua deficiência.

Assim como diversos outros preconceitos em nossa sociedade, o capacitismo entra como mais um que molda, limita e duvida da capacidade das PCD's de terem uma vida comum como a de qualquer outro(a) brasileiro(a).

A partir do capacitismo, diversas frentes e áreas se tornam empecilhos em suas vidas. Como exemplo, temos o crescimento profissional e social deste público, que se torna mais difícil por não conseguirem um emprego formal e não terem recursos e estrutura para realizarem um estudo de qualidade. Além disso, a dificuldade de ser aceito(a) em algum relacionamento e o fato de a própria família limitar o crescimento e o protagonismo da pessoa deficiente dentro de casa, dificultam, no futuro, a independência da pessoa.

No canal do YouTube “Vai uma mãozinha aí?”, a YouTuber Mariana Torquato, que é uma deficiente física, relata casos em que, só com os olhares das pessoas, se sentia constrangida e inferiorizada, e informa que grande parte da população nem imagina o que seja o capacitismo e quais são suas barreiras estruturais no meio social. Assim, ela começa a exemplificar esse mal da sociedade com diversas frases que pessoas que não tem deficiência relatam, como:

É capacitismo quando sua família te questiona se você está preparado a ter um relacionamento duradouro com uma pessoa com deficiência; é capacitismo quando as pessoas dizem que o meu marido é uma pessoa 'muito especial'; é capacitismo quando as casas de show não estão nem aí se o 'defiça' vai enxergar o palco (TORQUATO, 2016).

Ou seja, em diversas esferas da sociedade, nos mínimos e cotidianos detalhes, o capacitismo está presente, seja no ato de chamar a PCD pelo nome de sua deficiência – como “o cadeirante” ou “o pernetá” –, ou, até mesmo, de achar que a PCD não é deficiente por não ter uma deficiência aparente.

É importante ressaltar que ter dó, pena ou tratar uma PCD como uma criança também é uma forma de capacitismo, pois, na verdade, esse público não quer que as pessoas tenham esse sentimento em relação a elas, nem que pensem que querem ajuda; esse público quer, apenas, acessibilidade em todos os cenários de sua vida.

A partir do momento em que temos empatia para com o outro, temos, ao menos, noção do que pode acontecer na vida dele(a). Por exemplo, ao andar na rua, percebemos que a maioria dos locais não tem estrutura de calçadas e sinalização para pessoas cegas. Quando há vagas para PCD's, muitas vezes, estas já estão ocupadas por carros de pessoas que não são deficientes.

A empatia, se bem exercida, muda hábitos, diálogos, caminhos e ações. Se cada um fizer sua parte, respeitando ou, ao menos, lutando e apoiando para que esse público tenha o mínimo, que é a acessibilidade, os direitos iguais podem estar, talvez, começando a acontecer.

1.3 A EDUCAÇÃO COMO PONTE PARA O COMBATE AO PRECONCEITO

Para ter empatia, é importante educar. A educação é a ferramenta mais importante em todo o processo de formação de caráter, conhecimento e sociabilidade do ser humano. É por meio da educação que aprendemos a nos comunicar.

Porém, o público de PCD's tem a mesma experiência, ensino, acompanhamento e apoio em todo o processo de aprendizagem escolar como qualquer outra criança? Vejamos o que diz a pesquisa realizada pela consultoria Kearney, em parceria com as organizações Amankay e LaborExame:

A pesquisa quantitativa ouviu 763 professores e 48 diretores de escolas públicas estaduais na cidade de São Paulo. Os números mostram que quase todas as escolas (94%) possuem ao menos um aluno com deficiência. Mas,

há grande diversidade de deficiências, distúrbios e transtornos e 72% das escolas pesquisadas atendem quatro ou mais condições. As mais comuns são deficiência intelectual, presente em 88% das escolas, e física, em 63% (CAETANO, 2021, p. 1).

Ou seja, independente das diversas deficiências, distúrbios e transtornos dos estudantes dessas escolas, todos os profissionais que ensinam e acompanham esse público devem oferecer uma educação inclusiva.

A pesquisa também mostra que “embora 95% dos diretores digam que a educação inclusiva é muito importante, apenas 1 em cada 4 considera que o tema está contemplado no projeto pedagógico de suas escolas” (CAETANO, 2021, p. 1). Além de não enxergarem o público e o tema como relevante para ser incluso no projeto pedagógico, muitas dessas escolas não oferecem uma infraestrutura adequada para receber o público.

Sabemos que a profissionalização de professores, a criação de métodos de inclusão e o incentivo do governo a essa forma de ensino é fundamental. Entretanto, há muitos anos, houve a precarização desse ensino, impactando diretamente no futuro dessas crianças.

A falta de políticas públicas que sirvam como suporte ao oferecimento de uma educação inclusiva, traz diversas problemáticas, mas é imprescindível que o sistema educacional, os professores e os técnicos compreendam que todas as pessoas são educáveis. Ter um(a) estudante com deficiência em sala de aula não deve ser algo complicado, mas é um fato que deve ser encarado com naturalidade: sim, é um(a) aluno(a) diferente como qualquer outro, devendo, portanto, ter tratamento, oportunidades e direitos iguais (FERREIRA, 2009).

Um dos meios disso acontecer é a escola capacitar profissionais com cursos de inclusão, assim, com certeza, os professores saberão lidar com o(a) deficiente e irão proporcionar uma educação de qualidade, como para qualquer outro estudante.

As melhorias que precisam ser feitas nas escolas regulares para promover a real inclusão de alunos com deficiência vão desde a infraestrutura, acessibilidade, materiais, laboratórios especializados, mas em especial, na preparação dos professores. É o que pensa o especialista em Educação, Luiz de Sousa Júnior. “Precisamos melhorar muito mesmo para atender essa população de crianças deficientes. Sobretudo, na questão do treinamento e qualificação de professores. São questões centrais que debilitam um pouco a oferta. Tem aumentado o acesso, em especial, na escola pública. Isso mostra que precisamos de mais recursos para investir no setor público para poder trabalhar”, analisou (MEIRELES, 2016, p. 1).

Uma das estratégias que também seria interessante na reformulação desse tipo de educação primária seria incluir aulas de libras como obrigatória a todos os estudantes do ensino público e particular do país (SENADO NOTÍCIAS, 2018). Além de incluir surdos e surdas com todos os alunos da turma, é algo que traz a oportunidade de criar vínculos, abrindo novos olhares para entender que o(a) deficiente auditivo é mais do que sua deficiência, mudando, assim, o futuro de todos que ali aprenderem essa nova forma de comunicação.

Hoje, já é obrigatório o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nos cursos de licenciatura, sendo preciso formar professores capazes de incluir socialmente deficientes auditivos.

De acordo com o Estatuto da Pessoa Com Deficiência ou LBI (BRASIL, 2015), “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação”. O Estatuto também exige que os ambientes físicos e digitais das universidades sejam acessíveis a todos. Caso as universidades não cumpram com essas normas, não poderão mais renovar ou criar novos cursos. O documento também exige que as escolas se tornem acessíveis e adaptáveis aos alunos, e não que os alunos se adaptem às escolas.

O Estatuto demonstra e exige regras impecáveis, em que a acessibilidade, a igualdade e a inclusão se tornam prioritárias em todos os capítulos e parágrafos. Contudo, sabemos bem que, na prática, não funciona conforme o documento.

A educação, além de formar, prepara para o mercado de trabalho, onde os desafios são ainda maiores. Se já vemos falhas na acessibilidade e na inclusão desse público na educação, podemos também enxergar falhas nas oportunidades de trabalho, no reconhecimento profissional e nas formas de desafios e metas diferenciados a este público – se comparadas aos de outros funcionários –, etc.

1.4 PCD'S NO MERCADO DE TRABALHO

Além dos desafios que as PCD's enfrentam na inserção no mercado de trabalho, é necessário entender os reais motivos e pontos pelos quais as empresas e os mercados oferecem oportunidades a este público.

Muitas das 61 milhões de pessoas com deficiência no Brasil estão em idade economicamente ativa (IBGE, 2010), ou seja, estão aptas a exercerem um emprego

formal. A partir disso, desde 1991, as empresas foram obrigadas a destinar vagas para funcionários com deficiência, a partir do número total de empregados. Pela Lei Federal nº 8.213, art. 93, de 24 de julho de 1991:

A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção: I - até 200 empregados: 2%; II - de 201 a 500: 3%; III - de 501 a 1.000: 4%; IV - de 1.001 em diante: 5% (BRASIL, 1991).

Além disso, quando se contrata uma PCD, a empresa deve oferecer todos os meios e todas as ferramentas de acessibilidade para que o(a) funcionário(a) tenha condições de trabalhar em um ambiente inclusivo e com oportunidades iguais às das demais pessoas.

A pessoa com deficiência tem direito à participação e ao acesso a cursos, treinamentos, educação continuada, planos de carreira, promoções, bonificações e incentivos profissionais oferecidos pelo empregador, em igualdade de oportunidades com os demais empregados (BRASIL, 2015).

Porém, grande parte dessas empresas não chega nem perto de atingir a meta, pagando multa, e, quando atinge, exige que muitas dessas PCD's tenham "menos deficiências", pois acredita que não vai ter tanto desempenho e entrega, e que as PCD's podem atrapalhar o dia a dia dos funcionários, dando trabalho ou dificultando o andamento das demandas.

Hoje, temos diversas leis e cotas de inclusão, mas é muito importante a fiscalização e a quebra de preconceitos para garantir que a inclusão aconteça de fato ao se contratar PCD's, ao mantê-los e ao decorrer de seu processo de profissionalização.

O crescimento da consciência social e a ação fiscalizadora do Ministério Público têm ampliado o número de empresas que estão de acordo com a legislação, estimulando-as a manter – e até superar, em alguns casos – o número de vagas destinadas a pessoas com deficiência previstas na lei (ROCHA; NICOLAU, 2014, p. 7).

É urgente a mudança desse cenário. Encontrar estratégias para a reformulação do mercado se torna primordial, pois ele impacta diretamente na vida social, familiar, afetiva e econômica desse público. A área que carrega a maior responsabilidade na contratação e garantia de um ambiente de trabalho sustentável e acolhedor é a de

Recursos Humanos (RH), pois esta, além de recrutar e selecionar funcionários, também busca garantir o crescimento profissional do funcionário como de qualquer outro (ROCHA; NICOLAU, 2014).

Além disso, a fim de encontrar soluções, igualdade e equilíbrio no ambiente de trabalho, o RH deve ter bagagem e insumos para organizar e incluir a PCD em toda a Companhia.

Com profundo conhecimento dos direitos e das necessidades das pessoas com deficiência, o setor de Recursos Humanos poderá envolver toda a empresa – dos gestores aos técnicos, passando pelos funcionários de limpeza e manutenção, até a mais alta direção da empresa, oferecendo suporte mais adequado, fazendo com que todos possam atender e reconhecer a diversidade humana como algo benéfico à companhia. (ROCHA; NICOLAU, 2014, p. 8).

Segundo o site Exame (2020), uma empresa exemplo de diversos *cases* de diversidade e inclusão é a Natura, que fechou 2019 com 7,2% do quadro de funcionários com PCD's. Com esse número expressamente positivo, e pensando em aumentar esse percentual, em 2020, uma das estratégias adotadas foi implementar um banco de talentos, em que o candidato só cadastra seu currículo, sem saber quais vagas estão disponíveis. Isso, conseqüentemente, abre margem para entender qual profissional é mais adequado para cada vaga da companhia.

Outro ponto interessante da Natura é o oferecimento de curso de libras para os funcionários que desejam, voluntariamente, realizá-lo. Há também, nos momentos de feedback gestor-colaborador, a participação de um intérprete de libras para auxiliar nesse momento de troca, dentre outras estratégias.

Sem dúvidas, exemplos como esse poderia se multiplicar no mercado de trabalho atual. É possível ver outras empresas que também estão buscando a inclusão e tornando-a um propósito, como a Drogasil, Magazine Luiza, Serasa, Grupo Pão de Açúcar, Citi, entre outras (BLOG FREEDOM, 2020).

É um caminho longo, porém, nesse caminho, quanto mais pessoas com deficiência forem inclusas no meio profissional, mais positivamente impactante será a vida pessoal, familiar e de relacionamento desse público. Há profissionais competentes e que podem oferecer um olhar, propostas e entregas tão qualificadas e relevantes como os de qualquer outro, basta o mundo corporativo quebrar barreiras para encontrá-los.

1.5 APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

Como exposto diversas vezes neste estudo, a vida afetiva, amorosa e de relacionamento tem impacto na vida de alguém tanto quanto as outras áreas – financeira, familiar, profissional. Na vida de uma PCD, todas elas são afetadas por falta de inclusão e acessibilidade.

É importante ressaltar que nossa sociedade vem de culturas antigas, mitos e crenças muitas vezes equivocados, tais como: a pessoa com deficiência não tem ou não pode ter relacionamentos; são pessoas assexuadas; não tem sentimentos e necessidades sexuais; são pouco atraentes e incapazes de ter ou manter um relacionamento amoroso e sexual estável; são pessoas que têm disfunções sexuais e que não são capazes de ter filhos, ou não tem condições de cuidar deles; dentre muitos outros preconceitos (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Nós, como sociedade, temos de aprender a quebrar esses preconceitos, pois todas as pessoas possuem desejos carnis, sexuais e afetivos; é algo natural de qualquer ser humano. A partir do momento que entendemos isso, abrimos um leque de oportunidades para conhecer o outro lado e entender que há múltiplas opções, gostos, orientações e desejos no público.

Uma forma de conhecer pessoas novas, por exemplo, é através da utilização de aplicativos de relacionamento, que são canais digitais onde pessoas podem se conhecer, trocar ideias e marcar encontros por meio de um simples chat de bate-papo. Lá, também é possível criar um perfil com diversas fotos, uma breve descrição sobre a pessoa, incluir outras redes sociais e informar gostos e preferências. Os apps funcionam por meio de geolocalização, ou seja, a depender de onde a pessoa estiver, o aplicativo seleciona perfis que estão próximos, possibilitando a visualização de vários perfis naquele raio de distância.

É importante ressaltar que a vitrine que *apps* como Tinder, Happn, Grindr, Badoo e outros oferecem enche diversos olhos, não só pela praticidade e facilidade de conseguir um *match*⁴, mas por tornar possível o poder de escolha, e isso empodera o(a) usuário(a).

Além disso, surpreende a autonomia digital e a busca de relacionamentos sem muito esforço, com várias opções em um só canal, tornando-se algo corriqueiro e de

⁴ Quando uma pessoa e outra se curtem em um aplicativo de relacionamento, aparece uma mensagem para ambas as pessoas dizendo que houve um *match*.

fácil acesso. De acordo com uma matéria publicada no site CNN Brasil, em 2020, devido à pandemia da covid-19, houve aumento no número de interações e na quantidade dos novos cadastrados em aplicativos de relacionamentos.

Um relatório divulgado pelo *Match Group* – proprietário de aplicativos de relacionamento como *Tinder*, *OkCupid* e *Hinge* – mostra que, depois de uma queda nas interações entre os usuários de seus *apps* em março, o número de novas inscrições e troca de mensagens voltou a crescer em abril (TECCHIO 2020, p. 1).

O objetivo de uma pessoa ao utilizar aplicativos de relacionamento pode ser variado: sexual, afetivo, amistoso, entretenimento ou, até mesmo, curiosidade. A forma como as pessoas interagem nesses *apps* faz com que tenham um comportamento específico, oposto ao que teriam em um encontro presencial.

Diferentemente dos 'relacionamentos reais' [leia -se moderno s], é fácil entrar e sair dos 'relacionamentos virtuais'. Em comparação com a 'coisa autêntica', pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: "Sempre se pode apertar a tecla de deletar" (BAUMAN, 2004, p. 12).

No final, o objetivo é conhecer o outro, e isso envolve negociações, no sentido de vender a própria imagem e agradar quem está do outro lado, interagindo para que, assim, a realização pessoal – de quem “se vende” – aconteça.

Percebe-se que o uso desses aplicativos faz com que a pessoa, além de vender sua imagem, venda seus gostos e preferências para conseguir conquistar o outro. Mas, pensando em uma ótica de inclusão e considerando as problemáticas levantadas neste estudo, podemos dizer que esses aplicativos possuem receptividade adequada para o público de PCD's?

O preconceito estrutural é a maior barreira para que pessoas sem deficiência evoluam nos relacionamentos com uma PCD. Esse tipo de preconceito é a construção daquilo que nos foi informado, visto ou aprendido dentro da sociedade durante toda nossa vida, como os ensinamentos que recebemos de nossos pais, colegas de escola, na rua e no trabalho, e que acabamos reproduzindo.

Essa barreira tem como fator a falta de conhecimento, uma vez que muitas pessoas enxergam na PCD apenas sua deficiência, trazendo à tona perguntas

desconfortáveis como: “já pensou em ter filhos?”, “como você faz para ter relação sexual?”, “você sente prazer?”, etc.

Essas perguntas se tornam mais pejorativas ainda quando se é uma mulher com deficiência: “as mulheres com deficiência sofrem discriminação em diferentes culturas e sociedades, sendo maior nos países mais pobres e geralmente incrustada em valores tradicionais que restringem as chances de desenvolvimento pessoal às mulheres” (NICOLAU; SCHRAIBER; AYRES, 2013, p. 870).

Além disso, outros preconceitos e questões vêm à tona, como o machismo, o fetichismo, a infantilização, o devotismo ou *devotees* (desejo sexual que pessoas sem deficiência têm por PCD's), *pretenders* (pessoas sem deficiência que se passam por deficientes) e *wannabe* (pessoas que desejam ser deficientes).

Todos esses fatores e perfis de público que buscam, de forma errônea, se relacionar com uma PCD, também podem ocasionar o afastamento, medo ou receio de baixar e/ou utilizar esses *apps*. Segundo Crespo (2006), quando uma PCD se depara com o devotismo, acontece nela cinco reações distintas, na seguinte ordem: incredulidade, sem acreditar que é possível existir esse fenômeno; medo; perplexidade; raiva; e aceitação, momento em que começam a buscar saber mais sobre o tema. Essas fases e conceitos foram feitos a partir de um estudo feito por Crespo (2006) acerca do tema, com *devotees* e sites direcionados a este público, que funcionam numa espécie de “*Playboy* virtual”.

É importante explicar um pouco sobre o devotismo para entendermos que há outras questões, além da deficiência, que o público de PCD's enfrenta antes de entrar ou utilizar aplicativos de relacionamento, e até mesmo antes de se relacionar.

Outro ponto relevante é acerca da solidão da pessoa com deficiência em suas relações de amizade, afetivas e/ou amorosas. Além das barreiras físicas e arquitetônicas enfrentadas diariamente, criar e manter laços e relações vêm à tona quando se tem, enraizado, o capacitismo.

Na maioria dos trabalhos que tratam dos problemas sexuais enfrentados pelos deficientes, os autores salientam justamente a importância da carência afetiva de que são vítimas, da necessidade que sentem de contatos sociais e afetivos: necessidade de carinho, de ternura, de reconhecimento, possibilidade de estabelecer em um intercâmbio verdadeiro com alguém. O problema sexual parece ser assim primordialmente um problema de comunicação (WEREBE, 1984, p. 48-49).

A mídia, as redes sociais, os canais de TV e muitos outros meios de comunicação, por muito tempo, mostraram um padrão de beleza visto como “o ideal” ou utópico da sociedade. É importante entender que a beleza de um corpo padrão não anula a beleza de um corpo fora dos padrões, sendo importante ter um olhar além daquilo que se vê ou do que já é imposto. Em um mundo onde a empatia é tão prioritária nas relações, podemos enxergar a falta dela no julgamento do aspecto físico do outro. Afirma Werebe (1984, p. 49):

O fato é que os padrões culturais de aparência física, valorizados positivamente pela sociedade estão criando cada vez maiores problemas para os que não podem competir com os bem-dotados fisicamente. As pessoas com características físicas inabituais encontram, mais do que as outras, dificuldades (maiores ou menores, segundo suas deficiências) para levar uma vida “normal”. São vítimas da intolerância em relação à diferença.

Muitas das vezes, os próprios familiares, dentro de casa, tratam e incorporam essa ideia de que não são atraentes, que devem apenas ficar em casa e não ter relações, o que desfavorece o sujeito deficiente emocionalmente, causando depressão, baixa autoestima e pouca vontade de buscar laços afetivos (MAIA, 2009).

Hoje, já avançamos em lutas de muitas bandeiras e pelo fim de inúmeras injustiças sociais, como questões de raça, gênero, sexualidade e direitos iguais. Entretanto, quando pensamos em lutas pela acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência, ainda estamos estacionados no passado. Este público, mesmo com diversos fatores de preconceito e discriminação vivenciados diariamente, é visto, por grande parte da sociedade, como um modelo de superação, sendo considerados heróis e heroínas, como é o caso, por exemplo, de atletas paralímpicos serem estereotipados como pessoas inspiradoras, quando, na verdade, acabam sendo vistos como objetos de inspiração (MARQUES et al., 2013).

A palestrante Stella Young (2015) retrata em um *TED Talk* que, em sua palestra, aborda um tema específico; porém, os espectadores esperam que ela fale sobre temas de superação, inspiração ou motivação, já que ela é uma PCD. Estamos acostumados a enxergar as pessoas com deficiência dessa forma, falando apenas desse assunto, em que buscamos nos espelhar em sua história ou ter um sentimento de bem-estar ao se portar, ajudar e falar dessa forma.

Atualmente, é difícil ver ou conhecer PCD's como vendedores, cabelereiros(as), professores, psicólogos(as) e etc. Consequentemente, torna-se comum ter esse tipo de visão em relação a este público.

Um outro exemplo, mas dentro de um relacionamento, é quando uma PCD se relaciona com alguém sem deficiência, em que esta acaba sendo supervalorizada pela sociedade como alguém que está agindo de forma solidária ou boa (SANTOS, 2018).

São entendidas por uma sociedade despreparada como mulheres vulneráveis demais para se relacionar, mas diferentes demais para serem valorizadas como aquelas que preenchem todos os padrões de beleza. O medo de estar sozinha faz com que suas qualidades sejam negociadas em troca de um pouco de afeto. E não há crime maior consigo mesma que negar o que tem de bom em si (SANTOS, 2018, p. 1).

Temos poucas referências, em nosso dia a dia, de pessoas com deficiência atuando nas diversas esferas da sociedade. Contudo, além dessas referências, enxergar, agir e tratar uma PCD como uma outra pessoa qualquer faz toda a diferença. Com essas poucas referências, a busca pelo corpo perfeito e o não enxergar o outro além de sua deficiência, de que forma esse público se vê em relacionamentos ou em busca nos aplicativos?

2 METODOLOGIA

Esta parte do estudo visa relatar a história de vida, os desafios e o contato com os aplicativos de relacionamento de seis pessoas com deficiência. Um dos procedimentos metodológicos utilizados foi o qualitativo (análise das percepções, vivências e comportamentos no contexto dos sujeitos da pesquisa), por meio de entrevistas em profundidade, que “é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE; BARROS, 2005, p. 64).

Para realizá-las, foi feito um formulário, o qual foi utilizado como roteiro no formato semiaberto, em que é feita uma pergunta para o(a) entrevistado(a) e ele(a) fica livre para responder e explicar o tema ao máximo com suas experiências de vida (DUARTE; BARROS, 2005).

Foram utilizadas três plataformas de videochamada: o Microsoft Teams, o Google Meet e o ICOM, sendo que todas as entrevistas foram gravadas com a autorização do(a) entrevistado(a). Apenas com uma entrevistada, que é deficiente auditiva, a entrevista não foi realizada pelas plataformas acima, e sim pela ferramenta Google Formulários, onde ela preencheu o formulário, o mesmo utilizado como roteiro nas entrevistas, por meio do procedimento metodológico da coleta de dados qualitativos e de forma on-line.

A partir dos insumos que os(as) entrevistados(as) deram como resposta, foi feita a análise e uma conclusão, mostrando como os aplicativos são vistos e percebidos pelo público no âmbito de inclusão, preconceito e acessibilidade. Os(as) entrevistados(as) serão apresentados neste trabalho com nomes fictícios.

2.1 PRIMEIRA ENTREVISTADA: MARÍLIA

YouTuber, goiana, 29 anos e assistente de mercado. Mora sozinha há alguns anos com seu gato, faz pole dance, adora jogar tarot e ficar antenada em todas as redes sociais. Marília é deficiente visual parcial; nasceu com glaucoma, perdendo o olho direito e utilizando prótese atualmente. No olho esquerdo, enxerga menos de 5%, tendo visão monocular. Já fez diversas cirurgias e, recentemente, fez um transplante de córnea para manter a porcentagem de sua visão atual no olho esquerdo. Adora

gravar vídeos para o YouTube, estudar temas de *user experience*⁵ e *design thinking*⁶ e pensar na acessibilidade como algo primordial em qualquer projeto de sua vida.

Mestra em Ciência Política pela Universidade de Brasília, teve como tema de sua dissertação “Pessoas com deficiência e inclusão no mercado de trabalho: um estudo sobre lei de Cotas, conflitos e contatos”. Nesse estudo, ela pôde explicar as diversas dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho, como, por exemplo, ser contratada para realizar uma função dentro de sua formação, mas, no dia a dia, realizar funções administrativas, como enumerar folhas de papel.

Atualmente, em seu trabalho, está na área de aprimoramento e desenvolvimento de produtos e serviços com análise de mercado, e está criando um plano de diversidade para os funcionários internos da empresa, que tem como objetivo atrair mais PCD's para a companhia, além de torná-la mais acessível e inclusiva.

A gente fica pensando que tornar acessível, é muito difícil, muito distante, vai gastar muito dinheiro, e nem sempre. Muitas coisas você pode incorporar o que já está pronto, algumas coisas você vai ter um gasto, mas nos próximos processos, quando você coloca a acessibilidade como requisito inicial, isso já diminui custo e retrabalho. Se você tem a acessibilidade como uma preocupação desde o início do seu produto ou serviço, a inclusão acontecerá de forma natural (Entrevista ao autor).

2.1.1 Marília x Aplicativos de relacionamento

Marília criou o canal no YouTube “#passeadiante” há quatro anos, com 1.200 inscritos, onde aborda temas como: dicas de filme, inclusão, relatos, preconceito, acessibilidade, beleza, sexualidade e saúde. A ideia de criar o canal veio de um término de relacionamento, em que o rapaz teve vergonha de assumi-la para a família. Com isso, Marília terminou o relacionamento e criou o canal como forma de desabafar sobre o ocorrido, tentar entender um pouco mais sobre o que as pessoas achavam e, assim, falar sua opinião acerca de diversos temas.

O canal tem 5 anos, e ela acredita que, mesmo que seja pequeno, com poucos inscritos, ela fala para um público que sabe sobre a importância da acessibilidade e inclusão, tendo como desafio chegar no público que não conhece e não sabe da importância desses temas.

⁵ Experiência do usuário. Método que tem como objetivo melhorar a vida do usuário de um serviço, aplicativos, produtos, etc.

⁶ Método que reúne ideias, informações e *insights* criativos a fim de resolver alguma questão.

Marília já utilizou e ainda utiliza alguns dos *apps* e sites de relacionamento aqui mencionados, como o Tinder, Happn, Bumble, AdoteUmCara, POF, Once, Inner Circle, OkCupid, Devotee, Facebook Dating, Spotted UnB e FetLife. Dentre esses, ela diz que as pessoas, majoritariamente, seguem o mesmo *script* de conversa, foto e comportamento, e a maioria das conversas praticamente não evolui. “Você instala um aplicativo novo achando que vai encontrar uma pessoa diferente, mas não vai, você acaba encontrando as mesmas pessoas que estão em todos os aplicativos” (Entrevista ao autor). Por isso, considera difícil quebrar a barreira desse *script* e desenvolver uma conversa fluida com quem está do outro lado.

Já namorou uma pessoa do Spotted UnB, uma página no Facebook onde as pessoas se conhecem a fim de se relacionar e ter um encontro, mas foi algo que acabou não dando certo.

Atualmente, ela coloca no perfil dos *apps* que é uma PCD, mas houve algumas vezes em que não colocou essa informação e, ao desenrolar uma conversa com o outro e informar sobre sua deficiência, a pessoa inesperadamente desfez o *match*, deixando-a sem entender o que aconteceu.

Em relação a esse tipo de tratamento, já se sentiu constrangida quando, por exemplo, conheceu um rapaz em um desses aplicativos e, ao chegar no encontro pessoalmente, ele pediu para que ela tirasse a prótese do olho direito para ver como “ela era de verdade”, o que a deixou extremamente desconfortável, terminando o encontro ali mesmo.

De todos os *apps* que já utilizou, gostou do Adote Um Cara, onde ela pode listar uma série de requisitos para filtrar rapazes que têm interesses em comum, como hobbies, séries, filmes, preferências, etc. Achou interessante o OkCupid, que também tem essa funcionalidade de listar requisitos e, conforme você vai dando *like* nas pessoas, o *app* mostra a porcentagem de compatibilidade que seu perfil tem com quem você deu o *like*. Gostou também do Bumble, onde a mulher obrigatoriamente inicia a conversa, evitando que homens sejam invasivos no início dos *chats*. E tem o *Once*, que mostra apenas um perfil por dia, o qual ela também acha interessante, pois limita as possibilidades ao invés de ser um catálogo com figurinhas iguais aos outros.

Marília confessa que achou o *app* Devotee extremamente capacitista, pois, ao instalá-lo, teve que incluir vários detalhes sobre sua deficiência. Além disso, nele, há diversos públicos relatados no início deste estudo, como *devotees* (desejo sexual que pessoas sem deficiência têm por PCD's), *pretenders* (pessoas sem deficiência que se

passam por deficientes) e *wannabe* (pessoas que desejam ser deficientes). A ideia do *app* é selecionar PCD's para se relacionarem com outras PCD's, e Marília considera que esse formato não agrega, não traz diversidade e atrai outras pessoas, tornando a plataforma ainda mais capacitista. “A gente precisa caminhar no sentido onde dizer que você tem uma deficiência, não seja um fator que vá diminuir suas chances no mundo da paquera. Devemos tratar a deficiência e sexualidade como algo que todo mundo tem” (Entrevista ao autor).

2.2 SEGUNDA ENTREVISTADA: JÚLIA

Fisioterapeuta, catarinense, criadora de conteúdo no Instagram, 28 anos e amputada há dois anos. Júlia mora com sua família em Lages, Santa Catarina, adora dançar afrodance, zumba e fazer alongamentos, e tem diabetes há mais de 17 anos. Júlia nasceu com uma doença que faz com que ela não sinta dor e, a partir dos 10 anos de idade, foi diagnosticada com diabetes, ficando até os 20 sem cuidar e tratá-la da forma devida. Quando completou 21 anos, começou a tomar cuidados e tratar a doença de forma correta e saudável.

Em um dia, ao correr na rua, sentiu seu pé esquerdo estalar; achou que era uma tendinite, mas, na verdade, havia quebrado. Na época, trabalhava em um hospital, na ala de fisioterapia pediátrica, e, mesmo assim, continuou trabalhando com o pé quebrado, sem sentir dor – por conta de sua doença de nascença. Isso acabou agravando o quadro, quebrando ainda mais o pé e ocasionando muito inchaço. Foi ao médico para entender o que estava acontecendo e realizou um raio-x, onde foi visto que a fratura já estava bastante avançada e o pé tinha três ossos quebrados, sendo que um ficou cominuído, se fragmentando em diversos pedaços.

Após o diagnóstico, começou a se tratar e acabou adquirindo uma infecção óssea, conhecida como osteomielite, sendo necessário realizar oito procedimentos cirúrgicos para tentar corrigir a fratura do pé. Depois de todas essas tentativas, com procedimentos de correção, infecções, gastos com antibióticos, cirurgias, muitas dores, preocupações com a glicemia, que poderia piorar, e com o emocional e psicológico abalados, ela decidiu realizar a amputação e ter qualidade de vida, sem dores, gastos e grandes preocupações.

Foram quase cinco anos de muito sofrimento e Júlia afirma que “pro lado psicológico, eu olhava para aquele pé e não enxergava nenhuma saída, sendo muito

desesperador, e com a amputação me gerou uma aceitação mais fácil, pois vejo minha versão amputada melhor do que a versão com duas pernas” (Entrevista ao autor).

Hoje, ela diz que, buscando se superar ainda mais no dia a dia, faz muitas coisas que não fazia quando tinha duas pernas, como yoga e posturas de alongamento com as duas pernas, e se tornou adepta ao veganismo. Devido à amputação, teve que parar um tempo para sua recuperação.

Atualmente, após se formar em Fisioterapia, está fazendo de tudo para realizar o mestrado, já concluindo algumas disciplinas isoladas na USP, como biomecânica, no intuito de lidar com o cenário de pessoas amputadas, realizando alguns projetos de pesquisa, como Avaliação em Fisioterapia.

2.2.1 Júlia x Aplicativos de relacionamento

Júlia sempre foi muito estudiosa e tímida, e, quando o Tinder foi lançado no Brasil, antes de ser amputada, já utilizava o *app* como forma de quebrar a timidez e começar a se relacionar com as pessoas. Após a amputação, passou a utilizar o Happn, mas não gostou muito da dinâmica. Começou a usar o Facebook Dating recentemente, que foi o canal que mais gostou, porém, não conheceu ninguém interessante. Utilizou também uma rede social apenas para PCD's, não lembra o nome, mas afirma não ter gostado de como o aplicativo distribuía as informações.

Nesses *apps* que utilizou após amputar, ela colocava uma foto de corpo inteiro para que as pessoas já soubessem de sua deficiência assim que visualizassem as imagens. Quando dava algum *match*, já reforçava sobre a deficiência e continuava a conversa. Informou também que muitas dessas conversas tinham rapazes que avisavam que tinham fetiche na deficiência dela, portanto, imediatamente ela já bloqueava esses perfis, pois se sentia envergonhada e constrangida.

Certa vez, conheceu um rapaz em um dos aplicativos, foi a um encontro e começou a contar sua história sobre a amputação. Nesse momento, o rapaz começou a julgá-la, informando que nunca iria fazer uma amputação, que ela não deveria ter feito isso e que fez errado em amputar. “Confesso que dei uma parada de utilizar esses aplicativos depois dessa experiência ruim” (Entrevista ao autor). Afirma que conversava com diversas pessoas, mas que a maioria não evoluía; as pessoas tinham as mesmas conversas, assuntos e papos, o que dificultava o desenrolar de um encontro ou, ao menos, amizades.

Foi perguntado se ela acharia interessante ter um aplicativo apenas para PCD's, porém, Júlia afirma que não, pois isso acabaria gerando segregação e “se lutamos tanto por ter inclusão e só nos relacionarmos com pessoas com deficiência, a gente não vai ser visto como alguém passível de ter um relacionamento com uma pessoa dita ‘normal’” (Entrevista ao autor).

Acredita que é muito importante todos os *apps* serem acessíveis, mas sem separar por grupos e pessoas, o que seria problemático de diversas formas capacitistas. Ainda afirma que consegue utilizar todos os *apps* de forma simples e tranquila, mas que esse tipo de aplicativo deve ter um olhar mais cuidadoso quando se trata de outras deficiências.

Comenta que, no Instagram, muitas pessoas *devotees* e que têm fetiche em PCD's buscam *hashtags* para encontrar pessoas com deficiência e, assim, conversar, e, muitas vezes, assediar o público através dessas *hashtags*, como *#amputgirl*, *#amputwoman* e *#amputsexy*. Confessa que já utilizou algumas destas e recebeu mensagens constrangedoras, visto que o público com esse tipo de fetiche usa as *tags* como portfólio para encontrar PCD's.

É uma problemática o uso dessas *hashtags* por muitas mulheres com deficiências, pois além da deficiência em si, acabam tendo deficiência também de autoestima, e algumas delas expõem o corpo, de forma sexy, e estão totalmente no direito, mas é uma forma de serem aceitas, já vi isso de muitas vezes nas redes. Não é, de forma alguma, um julgamento, apenas uma observação (Entrevista ao autor).

2.3 TERCEIRO ENTREVISTADO: LUCAS

Palestrante, nascido em Natal/RN, formado em Jornalismo, adora fazer vídeos no TikTok⁷, escritor, youtuber, influenciador digital, viciado em viajar e fazer crossfit, 27 anos e cego há 25. Lucas perdeu a visão com 2 anos de idade, em decorrência de um câncer na retina (retinoblastoma bilateral)⁸. Junto de sua família, realizou o tratamento na Filadélfia, porém, como o câncer foi diagnosticado tardiamente, a família optou por retirar o tumor, ocasionando sua cegueira.

Após 11 meses de tratamento, e com algumas sequelas, como um afundamento de crânio ocasionado pela radioterapia e alguns microdentes, ele e sua

⁷ Aplicativo para criar vídeos curtos com foco em dança, comédia, histórias e entretenimento no geral.

⁸ Doença causada em crianças que nascem com alteração no gene RB1, podendo desenvolver, em ambos os olhos, a retinoblastoma bilateral.

família retornaram a Natal e, alguns anos depois, fundaram uma instituição que atende crianças carentes com câncer do Rio Grande do Norte e de estados vizinhos, chamada Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva, a qual completa, em 2021, 26 anos. Lucas afirma que praticamente cresceu junto com o desenvolvimento da Casa, o que foi fundamental para seu processo de autoaceitação quando criança.

Confessa que sua família o criou “para o mundo”, nunca o tratando como algum coitado ou como dependente de outras pessoas para viver. Por exemplo, quando tinha 20 anos, durante sua graduação em Jornalismo, realizou um intercâmbio por seis meses para a Inglaterra.

Depois de se formar, Lucas se sentia um pouco perdido em sua carreira, o que o levou a criar um canal no YouTube, que tem, hoje, mais de 2,2 mil inscritos. No canal, ele tem a possibilidade de exercer sua profissão como jornalista, além de falar um pouco sobre sua vida e seu dia a dia, realizando quadros em que entrevista atores, atrizes, cantores e bandas famosas, como Saulo Fernandes, Nando Reis, Sandy, Claudia Leitte, Zeca Camargo, Simone e Simaria, Carolina Ferraz e muitos outros.

Acredita que falar sobre sua deficiência é muito importante, mas abordar temas cotidianos se faz necessário também. O público entender que uma PCD tem uma vida como a de qualquer outra é fundamental, e complementa dizendo que sua missão é “desmistificar, derrubar preconceitos e estereótipos da sociedade em relação às pessoas com deficiências, onde as redes sociais se tornam uma grande ferramenta pra isso” (Entrevista ao autor).

Além de trabalhar como influenciador digital, está lançando um livro chamado “Enxergando além do Atlântico”, que conta um pouco de sua história.

2.3.1 Lucas x Aplicativos de Relacionamento

Muito comunicativo e festeiro, Lucas começou a sair para baladas e festas aos 21 anos, e diz que tinha uma estratégia para poder paquerar com os rapazes. Geralmente, eles chegavam em suas amigas para perguntar se podiam conversar com Lucas. “Tínhamos um código, onde elas apertavam meu braço de uma forma se ele fosse feio, e apertavam de outra se fosse bonito” (Entrevista ao autor) e que funcionava muito bem.

A partir daí, após passar por um processo de se assumir homossexual, começou a buscar, de fato, um relacionamento, e, para isso, acabou baixando o

Tinder. Para utilizá-lo, Lucas diz que precisava de ajuda, pois os *apps* de leitores de tela, que funcionam como ponte para pessoas cegas usarem outros aplicativos, só conseguiam “ler” o nome ou os textos da biografia do perfil das pessoas, e não ler por inteiro o perfil, como imagens, redes sociais e informações adicionais.

Afirma que, se as pessoas ao menos utilizassem a *tag* “#PraCegoVer”⁹ em suas biografias, isso facilitaria para que os *apps* leitores de tela oferecessem informações mais concretas sobre os perfis, possibilitando um *match* com alguém. Então, adotou a estratégia de que, se achasse o nome da pessoa bonito (o *app* de leitor de tela conseguia “ler” o nome do perfil da pessoa) dava um *like*¹⁰; se achasse feio, não dava. Além disso, quando dava *match*, tirava um print¹¹ e mandava para suas amigas avaliarem se era do estilo dele ou não. “Às vezes alguns rapazes que eu tinha dado *match* me encontravam na rua e questionavam do porquê eu não ter falado com eles, sendo que eu não podia dizer que minhas amigas achavam ele nada a ver comigo” (Entrevista ao autor).

Esse formato funcionou bem, resultando em encontros com alguns rapazes do aplicativo, porém, confessa que não foi nada duradouro. Afirma que, na descrição de seu perfil do Tinder, não colocava que era cego, só contava após ter uma conversa mais longa com a pessoa.

Relata que algumas pessoas levavam numa boa o fato de ele ser uma PCD, já outras, se surpreendiam, desconversavam ou simplesmente não falavam mais nada e desfaziam o *match*.

Hoje, Lucas namora há três anos, tendo conhecido seu namorado em uma festa de carnaval. Atualmente, ambos moram juntos. Lucas afirma que não acha os *apps* de relacionamento inclusivos e acessíveis, e acha que nunca foram. Também não acha interessante que houvesse um exclusivo para as PCD's, pois segregaria muito. “Acho que os aplicativos de relacionamento afetivo deveriam ser acessíveis a todos e isso não é trabalhoso” (Entrevista ao autor).

Foi perguntado ao Lucas qual sua opinião caso houvesse a possibilidade de tornar obrigatório ao usuário a inclusão, na descrição dos perfis, do campo “#PraCegoVer”. Ele confessa que seria uma ideia genial, mas que é algo que não

⁹ *Hashtag* com função de incluir pessoas cegas no cenário digital, por meio da descrição de imagens e audiodescrição.

¹⁰ Dar *like* em aplicativos de relacionamento é uma função de “curtir” o perfil da pessoa.

¹¹ Realizar uma captura de tela do celular.

seria aderido, pois, culturalmente, ocasionaria na migração dos usuários para outros aplicativos que não tivessem essa obrigatoriedade. Finaliza dizendo:

Fico feliz de ter alguém pensando nesse público, pois é uma causa muito silenciada ainda. As causas negra e LGBT, por exemplo, estão mais a frente, com mais força e expressão na mídia e na sociedade. Já o público de PCD's ainda não, e não se vê no dia a dia, e você oferecendo essa ferramenta para desmistificar alguns estereótipos, será um fator de mudança. Sem contar que muitas pessoas acham que, por termos alguma deficiência, somos assexuais ou não podemos ter relacionamentos, e você nos dando voz, outros entenderão que somos como qualquer um (Entrevista ao autor).

2.4 QUARTA ENTREVISTADA: CARLA

Baiana, nascida em Ipiaú, mora em São Paulo com seu cachorro Luke, formada em Publicidade e Propaganda na FMU, analista de *marketing*, 37 anos, adora a culinária italiana e é viciada em festivais, shows internacionais e em viajar para o exterior. Nasceu com uma doença genética chamada ictiose, similar à psoríase, que altera a epiderme, uma camada da pele, deixando-a com pequenos pedaços ressecados e que descamam, fazendo com que fique similar a escamas de peixe, aparentes na pele. Por conta da doença, também tem uma limitação de locomoção na mão direita, não podendo pegar peso e fazer muitos esforços.

Há vários anos, diariamente, ela toma um remédio que controla o avanço e maiores complicações da doença, e alerta que, se esquecer um dia de tomar a medicação, a doença pode descontrolar e evoluir rapidamente.

Sua deficiência nunca a impediu de fazer o que ama. Já fez alguns cursos para direção de arte, é apaixonada nessa área e, hoje, formada em Publicidade e Propaganda, trabalha como analista de marketing, e confessa que a paixão é igual.

Brinca dizendo que, antes da pandemia, frequentava, no mínimo, quatro shows internacionais de pop e rock por ano, como, por exemplo, de bandas como Backstreet Boys, em Las Vegas, Pablo Alborán, na Argentina, Nickelback, Shawn Mendes e inúmeros outros shows no Brasil. Nessas várias viagens que fez, se apaixonou ainda mais por outras línguas, como o inglês, como foi o caso de quando viajou para Nova York e ficou muito receosa de ir embora, pois ficou apaixonada pela região. Além disso, se encantou pela língua e cultura italianas, quando viajou para Itália.

2.4.1 Carla x Aplicativos de relacionamento

Carla afirma que é e sempre foi muito tímida e retraída na convivência em suas relações, por isso, adotava a estratégia de utilizar sites e aplicativos de relacionamento para quebrar um pouco dessa barreira e construir, aos poucos, conversas e interações com algumas pessoas.

Há alguns anos, utilizava o site ParPerfeito, mas confessa que não colocava a informação de que é uma PCD, pois se sentia receosa de a pessoa bloqueá-la. No entanto, com algumas pessoas, ela diz que se sentia aberta para falar sobre, mas somente após um bom tempo de diálogo. Algumas dessas pessoas levavam numa boa e desenvolviam as conversas, já outras diziam se mostrar preocupadas, parando de conversar ou a bloqueando.

Em uma dessas conversas, ela marcou um encontro com um rapaz em um restaurante. Chegando lá, eles se viram, conversaram um pouco e ela percebeu que o lugar não pegava sinal de celular. Foi por isso que descobriu que o rapaz inventou uma história, dizendo que tinha recebido um torpedo, usando isso como desculpa para ir embora. Ficou chateada porque a pessoa não foi sincera e preferiu criar uma mentira: “sem contar que muitas pessoas mandavam umas fotos que não tinham nada a ver com elas, pois quando íamos a um encontro eram totalmente diferentes” (Entrevista ao autor).

Além do ParPerfeito, utiliza também o Tinder, Happn, Badoo, OkCupid e Bumble. Já teve encontros com alguns rapazes do Tinder e Happn, mas que acabaram não evoluindo. Critica dizendo que, em todos os aplicativos, as pessoas falam a mesma coisa, fazem as mesmas perguntas e têm os mesmos assuntos.

Reclama que dá *match* com muitos rapazes que não puxam assunto ou desenvolvem uma conversa, e brinca dizendo “não tenho paciência não, já criei logo um texto-base, que copio e colo e mando *pra* pessoa, parece que o cara só quer ter número de *matches* e não quer, de fato, namorar. Sem contar as vezes que mandaram fotos sem eu pedir” (Entrevista ao autor). Assume que esse mesmo tipo de assunto e comportamento também faz com que ela não queira contar e se abrir sobre sua deficiência, visto que o relacionamento por esses canais é muito superficial.

Afirma que sua deficiência não a impede ou a limita de utilizar os *apps*, mas que, para outras pessoas, como, por exemplo, deficientes visuais, todos esses aplicativos não são adaptados. Assim, sugere que, para este público, seria

interessante existir a opção de mandar áudios, o que já tornaria os aplicativos mais acessíveis.

2.5 QUINTA ENTREVISTADA: LARA¹²

Paulista, 27 anos, assistente comercial, goleira de Handebol, viciada em séries e filmes, gamer nas horas vagas, ama sair, encontrar com amigos e tomar drinks. Lara nasceu com perda severa da audição, o que a torna uma deficiente auditiva. Informa que, no início, sua família ficou desesperada e sem saber o que fazer, já que ela era muito nova, filha única e tinha contato com pessoas surdas no dia a dia. Contudo, com o tempo, foram encontrando caminhos para seguir.

Afirma que, desde pequena, demonstrava que sua surdez não iria atrapalhar em nada sua vida, tendo como objetivo nunca se colocar no lugar de vítima por conta de sua deficiência, aceitar sofrer algum tipo de bullying ou deixar que dissessem que ela nunca teria amigos ou relacionamentos. Tornou esse pensamento um mantra em sua vida.

Foi diagnosticada com uma doença chamada Síndrome de Usher¹³, porém, só descobriu, de fato, que era essa a doença que tinha quando estava com 20 anos de idade. Entretanto, há 19 anos, em 2001, um médico de sua cidade sugeriu que ela utilizasse um implante coclear, um aparelho para pessoas com perda auditiva profunda ou severa, o qual proporcionava ao usuário estímulos elétricos, que eram transformados em sons, enviando esses estímulos diretamente ao nervo auditivo. Ou seja, um aparelho que oferecia audição, similar a um ouvido sem deficiência.

Quando o médico sugeriu esse implante para Lara, seus pais ficaram receosos e inseguros, pois era um método novo no Brasil, em que os procedimentos como esse apenas haviam acontecido nos Estados Unidos.

Mas Lara, aos seis anos de idade, insistiu para que os pais a deixassem seguir com o procedimento e, assim, estes aceitaram a ideia. Porém, para começar o tratamento do implante coclear, era necessário entrar em uma fila com outros deficientes que também precisavam desse método. Por isso, Lara só pôde realizar o

¹² A entrevista com Lara, deficiente auditiva, aconteceu pela ferramenta Google Formulários, onde ela pôde preencher o formulário, o mesmo utilizado como roteiro nas entrevistas, por meio do procedimento metodológico da coleta de dados qualitativos e de forma on-line.

¹³ Doença que provoca surdez profunda no nascimento e, em casos mais graves, retinose pigmentar, ocasionando cegueira noturna ou perda de equilíbrio.

procedimento dois anos depois, quando outra criança, que também iria realizar o implante, ficou doente, resultando na sobra de um implante coclear, chegando a vez de Lara fazer o procedimento.

Ela foi a primeira criança a ser operada com esse tipo de implante no Hospital Samaritano de São Paulo, e a primeira paciente do médico que estava em fase de aprendizagem com outro médico, o qual havia trazido o método americano para o Brasil.

Atualmente, Lara escuta 80% quando utiliza o aparelho e 10% sem utilizá-lo. Confessa que são poucas as situações em que sua deficiência a limita de realizar algo. O que mais a limita são as pessoas que ela denomina como “ignorantes”.

Afirma que sua família busca sempre sua inclusão em todos os cenários, incentivando-a à leitura labial no dia a dia. Começou o curso de Administração, mas abandonou, formando-se em Design. Atualmente, é pós-graduanda em Design Gráfico no Senac, onde trabalha como assistente comercial, desenvolvendo produtos para uma empresa de varejo. Mora com seus pais, mas tem planos de morar sozinha. Durante a pandemia, voltou a treinar como goleira de Handebol, sendo motivada a retornar ao esporte por sua namorada, que também é deficiente auditiva e atleta de futsal.

Além de ter o Handebol como paixão, é viciada em assistir seriados e filmes, para que, posteriormente, troque opiniões com seus colegas nas horas vagas. Por conta da pandemia, não consegue se reunir com seus colegas, mas confessa que é uma das maiores saudades que o isolamento social está causando.

Afirma ter vontade de, um dia, ser influenciadora digital, produzindo conteúdo para o YouTube, onde teria a possibilidade de explicar mais sobre sua deficiência, trazendo conhecimentos certos sobre cada tipo de deficiência. Contudo, diz ainda não se sentir preparada.

2.5.1 Lara x Aplicativos de relacionamento

Lara já utilizou o Tinder e o Brenda, um aplicativo para lésbicas. Afirma que, em ambos os aplicativos, não colocava a informação de que é uma PCD, e explica:

Não coloquei para não perder as chances da pessoa me conhecer melhor, pois se eu colocasse que sou uma PCD, já fazia as pessoas não terem

interesse em mim, me dando ‘*desmatch*¹⁴’ na hora que descobrem minha deficiência sem, ao menos, dar chance de saber mais sobre minha história (Entrevista ao autor).

A entrevistada complementa informando que, mesmo não dizendo nos aplicativos que é uma PCD, ao conversar com algumas pessoas, com as quais ela sentia estar prestes a sair para um encontro, dizia ser deficiente auditiva. No Tinder, por exemplo, não teve problemas, sempre foi tranquilo, justamente por informar previamente a pessoa com quem estava conversando. Mas reforça:

Sinceramente, acredito que muita gente não se sente bem em contar que tem alguma deficiência, pois ainda existe muito preconceito, e também a maioria das pessoas sempre inventam uma desculpa, dizendo que não tem experiência ou conhecimento sobre as deficiências no geral, e acabam se distanciando nas conversas ou até mesmo sumindo. No meu caso, já aconteceu isso e consigo contar nos dedos, quantas pessoas, que conheci no Tinder, ainda tenho contato até hoje (Entrevista ao autor).

Confessa que utilizou poucas vezes os aplicativos de relacionamento, pois a comunidade surda utiliza canais como grupos de WhatsApp e de Facebook para conhecer outras pessoas, ou, até mesmo, para amigos de amigos fazerem a ponte para se apresentarem uns aos outros, por ser uma maneira mais rápida e fácil de se relacionar.

Em dois dos seus quatro namoros, conheceu as parceiras por meio desses grupos, que tinha como tema “Signos”, nos quais apenas surdos participavam. Hoje, ela e sua namorada Stéfanie¹⁵ completam um ano e dez meses de relacionamento, e foi por meio desses grupos que também a conheceu.

Declara que acharia interessante um *app* voltado apenas para PCD’s, pois acredita que esse público é muito empático, compreensivo e capaz de entender a vida do outro, justamente por ter vivências em grupos específicos para sua comunidade.

¹⁴ Des (desfazer) *match* (quando uma pessoa e outra se curtem em um aplicativo de relacionamento, e aparece uma mensagem para ambas as pessoas, dizendo que houve *match*), ou seja, o *desmatch* é quando a pessoa desfaz essa ‘curtida’ que deu em outra pessoa, demonstrando perder o interesse.

¹⁵ Nome fictício da namorada de Lara.

2.6 SEXTO ENTREVISTADO: SÉRGIO¹⁶

Poeta, pedagogo, paulista, 35 anos, tem dois filhos, apaixonado em andar de bicicleta, viajar, cinema e debater sobre temas culturais e de acessibilidade. Nasceu surdo e sempre, em seu convívio, teve a arte e a cultura enraizadas em seu desenvolvimento. Cresceu num distrito periférico da zona sul de São Paulo, sendo o caçula de quatro filhos. É casado há sete anos; sua esposa também é deficiente auditiva e se conheceram pelo Facebook. Tem dois filhos homens, cada um de uma mãe diferente, e a maioria de sua família, incluindo os filhos, é ouvinte¹⁷. É formado em Pedagogia e, hoje, faz um curso de tecnólogo em Comunicação Assistiva, que tem como objetivo envolver todos os cenários musicais, culturais, artísticos, de traduções e de linguagem de sinais para pessoas com deficiência.

Atualmente, trabalha como educador cultural em um instituto de arte e cultura brasileira e também produz em seu Instagram alguns conteúdos, como poesias e poemas de sua própria autoria, palestras sobre acessibilidade, com foco em filosofia e diversidade, e trabalhos como ator, produtor e apresentador. Dentre os conteúdos que produz nessa rede social, está sua luta diária de ser um homem negro, surdo e periférico na sociedade, utilizando os poemas para representar a força e a união da comunidade.

Acredita que toda poesia pode sim se tornar poesia em Libras, e relata em uma entrevista para a UOL que “é como se pegasse todas as exclusões que viu e sentiu, todas as brincadeiras racistas e preconceituosas que tentou deixar pra lá, as colocasse num liquidificador, internalizasse essas referências e as transformasse em arte de resistência” (MANIR, 2020, p. 1).

Já atuou em um longa-metragem brasileiro produzido pela Netflix, participou de um campeonato de *Slam*¹⁸, se classificando entre os cinco finalistas, sem contar os inúmeros eventos culturais que já produziu para a comunidade surda.

¹⁶ Para entrevistar Sérgio, foi utilizada a ferramenta ICOM, uma tecnologia que conecta, por meio de uma ligação telefônica, o(a) intérprete de libras, que faz a ponte entre o ouvinte e o deficiente auditivo.

¹⁷ É aquele que “ouve” a linguagem da comunidade surda, conseguindo ou não se comunicar em Libras.

¹⁸ Campeonato Brasileiro de Poesia Falada disputado em São Paulo.

2.6.1 Sérgio x Aplicativos de Relacionamento

Sérgio já utilizou o Happn, Badoo e Tinder, e nunca achou esses *apps* acessíveis. Procurava não dizer, num primeiro momento, que era um deficiente auditivo, mas afirma que as mulheres desconfiavam pela forma como ele escrevia. Às vezes, tentava fazer um vídeo se apresentando, e relata que elas paravam de conversar quando descobriam que era surdo.

Sempre achou que as mulheres não eram interessadas em pessoas surdas; diz que, uma vez, quase saiu para um encontro e, quando pensou que ia dar certo de marcar o dia e horário, a pessoa desistiu. Uma vez, disse que estava utilizando o Tinder e percebeu que tinha uma mulher próximo a ele e que estava no aplicativo também. No entanto, quando ela percebeu que era ele, se levantou e saiu do local.

Reclama que, para ter um acesso mais amplo nesses aplicativos, precisava pagar um valor específico, garantindo um pacote *premium*, com alguns serviços adicionais e benefícios que os aplicativos ofereciam. No entanto, essas vantagens tornavam o uso e o acesso mais burocráticos para o usuário. Confessa que nunca colocou que é uma PCD na descrição do seu perfil, pois acreditava que, colocando essa informação, as pessoas não o achariam interessante. Começou, então, a seguir a estratégia de, assim que desenvolvesse uma conversa com alguém, contaria que era uma PCD e observaria a reação dela. Diz que, geralmente, quando contava, o bloqueavam ou davam um “*desmatch*”, e brinca: “elas que perderam a oportunidade de conhecerem um surdo gente boa e legal” (Entrevista ao autor).

Não considera interessante a ideia de ter um aplicativo apenas para o público de PCD's, pois, além de segregar, seria estranho ter alguns perfis iguais em um só canal. Hoje, por ser casado, conhece algumas pessoas que utilizam os aplicativos no geral e acredita que são interessantes para homens surdos encontrarem mulheres surdas, pois elas estão mais ativas nesses *apps* do que os homens.

3 RESULTADOS GERAIS

Após diversas histórias, casos e relatos acerca da vida dos(as) entrevistados(as), o perfil de cada um(a) deles(as) foi datado. Sobre a faixa etária, os participantes têm de 27 a 37 anos, sendo que quatro pessoas se identificaram sendo do gênero feminino e duas, do masculino; quatro se identificaram heterossexuais, uma, homossexual, e outra, bissexual; os participantes são nascidos(as) nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul; e são das etnias negro, pardo(a), amarela e branco(a). Os dados estão apresentados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Visão geral dos(as) entrevistados(as)

NOME FICTÍCIO	IDADE	GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ETNIA	ESTADO EM QUE NASCEU
Marília	29	Feminino	Heterossexual	Branca	Goiás
Júlia	28	Feminino	Heterossexual	Parda	Santa Catarina
Lucas	27	Masculino	Homossexual	Branco	Natal
Carla	37	Feminino	Heterossexual	Amarela	Bahia
Lara	27	Feminino	Bissexual	Parda	São Paulo
Sérgio	35	Masculino	Heterossexual	Negro	São Paulo

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos das entrevistas realizadas.

Cada um dos perfis acima tem histórias de vida diferentes, mas com pontos, questionamentos e contextos acerca dos aplicativos de forma similares. Vejamos alguns:

- **Tipos de aplicativo utilizados pelos entrevistados:**
 - A maioria já utilizou os aplicativos Tinder, Happn e Baddo;
 - Pequena parte dos(as) entrevistados(as) utilizou o Brenda, Bumble, AdoteUmCara, POF, Once, Inner Circle, OkCupid, Devotee.
- **Tiveram um encontro por intermédio do(s) aplicativo(s):**
 - Dois dos(as) seis entrevistados(as) nunca saíram para um encontro; apenas conversaram com algumas pessoas;

- Quatro dos(as) entrevistados(as) já foram para um encontro.
- **Informar na descrição de seus perfis dos aplicativos que é uma pessoa com deficiência:**
 - Dois colocaram que são PCD's na descrição de seus perfis;
 - Os outros quatro não colocaram essa informação.
- **Explicar o motivo de colocar ou não essa informação nos perfis dos apps:**
 - Por acharem que não iriam atrair pessoas para uma conversa ou para um possível encontro;
 - Acreditam que pessoas sem deficiência acham que uma PCD não tem ou não pode ter uma vida sexual ativa, filhos, constituir uma família e que são assexuais;
 - Por medo do julgamento e pelo fato de as pessoas entenderem que a deficiência é algo único na vida da PCD, moldando-a em todos os cenários de sua vida;
 - Por acreditarem que colocar essa informação afastaria outras pessoas antes mesmo de conhecer mais sobre elas, sua história, personalidade, gostos, etc.
- **Se acreditam que os aplicativos de relacionamento são acessíveis para todas as PCD's os utilizarem de forma fácil e simples:**
 - Três acreditam que alguns sim, mas estão longes de serem inclusivos;
 - Os outros três acreditam que não são acessíveis.
- **Se achariam interessante ter um aplicativo apenas para o público de PCD's:**
 - Cinco acreditam que não, por limitar, segregar e evitar a diversidade e inclusão das PCD's em todos os públicos da sociedade;
 - Apenas um acredita que seria interessante, por entender que muitas PCD's são empáticas e procuram ter mais compreensão em conhecer a história de vida do outro.

- **A opinião dos(as) entrevistados(as), de forma geral, sobre os apps, e se as PCD's se sentem à vontade e confortáveis nesses canais de relacionamento:**
 - Não se sentem acolhidos, representados e incluídos nos apps;
 - Muitas pessoas seguem o mesmo tipo de conversa, como se fosse um *script*;
 - A maioria dos perfis tem o mesmo padrão de beleza e fotos;
 - Falta melhorar a experiência de surdos e cegos que, muitas vezes, necessitam de aplicativos terceiros e/ou ferramentas para utilizá-los;
 - O público que utiliza esses apps, muitas vezes, não dá chance de conhecer um pouco da vida do outro e acaba bloqueando, dando “*desmatch*” ou inventando desculpas para parar a conversa só por saber sobre a deficiência de cada um deles(as);
 - Falas e formas capacitistas e preconceituosas de abordarem uma PCD, o que pode causar desconforto e afastamento na utilização dos aplicativos.
- **Sugestão de melhorias para os aplicativos para oferecerem mais acessibilidade e inclusão para as PCD's:**
 - Incluir a opção de enviar áudios, para que pessoas cegas consigam dialogar;
 - Hoje, aplicativos de leitores de tela não conseguem ler, especificamente, as imagens de cada perfil. Uma sugestão é incluir a opção da *hashtag* “#PraCegoVer”, para que todos e todas possam preenchê-las e, assim, facilitar a “leitura” para os(as) deficientes visuais;
 - Opção de link para uma videochamada com um intérprete de libras como intermediador das conversas, em que o intérprete traduz o que o deficiente auditivo diz para a pessoa, e a pessoa fala o que quer para o intérprete e ele devolve a mensagem, por meio de libras, para a pessoa surda;
 - Que os apps tenham a opção de corretor automático de palavras, pois muitos deficientes, inclusive auditivos, têm dificuldade de escrever as palavras corretas de acordo com a concordância verbal, gerando mais um preconceito devido a esse cenário;
 - Um manual de diversidade nos termos de condições para que, ao entrar nos aplicativos, as pessoas recebam algumas orientações para conversarem com as outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema deste trabalho surge da importância de reconhecer a acessibilidade como aspecto obrigatório em todos os cenários do dia a dia, inclusive nos meios digitais. O preconceito em relação a pessoas com deficiência é algo histórico e cultural, em que o corpo diferente, seja físico, mental ou intelectual, não se encaixa em padrões aceitos pela sociedade. Esse pensamento deve ser desmistificado para, assim, começarmos a enxergar a inclusão no meio em que convivemos. Dessa forma, buscou-se analisar o comportamento, o sentimento, as ações e as atitudes de PCD's em aplicativos de relacionamento afetivo, que são onde várias pessoas buscam conversar, conhecer o outro, se mostrar presente de alguma forma e encontrar possíveis afetos.

Nesses tipos de trocas digitais, é onde se pode analisar o preconceito e o capacitismo atuarem de forma, muitas vezes, velada ou até explícita, como, por exemplo, ao deixarem de responder uma PCD ou bloqueá-la. Muitas pessoas enxergam a internet como um “mundo sem lei”, onde tudo pode ser falado, questionado e criticado, sem “papas na língua”. Porém, a partir do momento em que se fere o caráter e se desrespeita o outro, passa a haver um problema social, e as entrevistas e pesquisas realizadas trouxeram insumos que comprovam isso. A atitude de uma pessoa em um *app* de relacionamento pode, sim, impactar a saúde mental, a autoestima e as expectativas de futuras relações que uma pessoa está em busca.

Foi possível concluir que todas as PCD's entrevistadas se sentiram constrangidas em algum momento, seja por uma fala, um bloqueio ou pelo pouco diálogo. Entende-se que a falta de interesse em conhecer o outro e o não enxergá-lo além de sua deficiência são notórios nesse tipo de comportamento. A falta de incentivo à diversidade, por parte dos aplicativos e de ferramentas que proporcionam maior acessibilidade em seu uso, também foram questões presentes nas respostas. Esse ponto, além de não atrair vários públicos para os *apps*, também afasta os que tentam conhecer pessoas novas e utilizar os aplicativos como ponte para se relacionar.

Além das dificuldades de uso dos aplicativos, também foi relatado que incluir na descrição dos perfis desses *apps* que esses usuários são PCD's pode afastar outras pessoas na hora da “paquera”, ao invés de atrair. Entende-se que, mais uma vez, a falta de interesse de conhecer uma pessoa com deficiência e o não enxergá-la além de sua deficiência são elementos que precisam ser quebrados.

Outro ponto levantado pela maioria dos(as) entrevistados(as) foi que *apps* com foco apenas em PCD's não trariam diversidade e inclusão, e sim segregação. Se a luta por direitos e visibilidade é diária, incluir pessoas com deficiência se faz necessário, também, em todos os meios digitais.

Por fim, entende-se que a busca por acessibilidade é responsabilidade de todos: ter, no dia a dia, PCD's no meio profissional, acadêmico e social para tornar visível e perceptível que elas também são pessoas comuns e competentes, capazes de ter um relacionamento, garantir um futuro profissional promissor e, por mérito, constituir família e praticar esportes, fugindo da ideia de que são vencedores por causa de suas deficiências, percebendo que, na verdade, são capazes de fazer o que gostam e por paixão, como qualquer outra pessoa.

Sendo assim, se faz necessário pesquisas e estudos que proponham, na prática, a melhora da experiência do(a) usuário(a) com deficiência em todas as plataformas digitais, com a visão de um UX *Design*¹⁹; termos e planos de diversidade que incentivem, regulamentem e fiscalizem a inclusão de todos os públicos em aplicativos de relacionamento; e a reeducação de usuários dos próprios *apps*, por meio de campanhas e estratégias de comunicação. Todas essas ações, para se tornarem possíveis, só são eficazes se a sociedade enxergar a PCD como qualquer outra pessoa, assim, o respeito pode se tornar uma obrigatoriedade, e o capacitismo, uma exceção.

¹⁹ Designer de Experiência do Usuário: profissional que proporciona uma melhor experiência do usuário em canais, plataformas e meios digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BLOG FREEDOM. Conheça 6 empresas com programas para pessoas com deficiência. **Blog Freedom**, 2020. Disponível em: <https://blog.freedom.ind.br/conheca-6-empresas-com-programas-para-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. **Lei n. 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. DF: Brasília [1991]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). DF: Brasília [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 14 mar. 2021.

CAETANO, Rodrigo. Falta de capacitação prejudica alunos com deficiência em SP, diz pesquisa. **Exame Invest**, 10 jan. 2021. Disponível em: <https://exame.com/invest/esg/falta-de-capacitacao-prejudica-alunos-com-deficiencia-em-sp-diz-pesquisa/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

CAMARANO, Ana. **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CRESPO, Lia. Devotee: Atração por Pessoas com Deficiência - Preconceitos e Mitos. **Bengala Legal**, 3 fev. 2006. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/devotee>. Acesso em: 14 mar. 2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2005.

EXAME. Natura supera cota legal e quer mais pessoas com deficiência. **Exame**, 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/natura-supera-cota-legal-e-quer-mais-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FERREIRA, Michele. Inclusão de crianças com Síndrome de Down no ciclo I do ensino fundamental. *In*: ENCONTRO EDUCAÇÃO INCLUSIVA. **Anais...** [...] Lins, São Paulo, 2009.

IBGE. Censo Demográfico de 2010. **IBGE**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/23612>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. bras. educ. espec.** [online], v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima da pessoas com deficiência física. **O Portal dos Psicólogos**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

MANIR, Mônica. Poeta surdo e negro, Edinho Santos já chegou à final da batalha de slams. **Uol Tab**, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/15/sou-negro-surdo-e-periferico-mas-a-poesia-me-salvou.htm>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; DE ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; MENEZES, Rafael Pombo. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Rev. bras. educ. fís. Esporte**, São Paulo, v .27, n. 4, out./dez., 2013.

MEIRELES, Lucilene. Falta de capacitação é obstáculo na educação inclusiva. **Correio da Paraíba**, 14 ago. 2016. Disponível em: <https://correiodaparaiba.com.br/cidades/educacao/falta-de-capacitacao-e-obstaculo-na-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 863-872, 2013.

ROCHA, Juliana de Lourdes; NICOLAU, Diego. **Inclusão de PCDs no mercado de trabalho**. 2014. Monografia (Pós-Graduação) – Departamento de Tecnologia e Informação, Coordenação de Pós-Graduação, Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, 2014.

ROSENBERGUER, Samara. Mais de 20% da população brasileira tem algum tipo de deficiência. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/crea-pr/engenharias-geociencias-e-voce/noticia/2019/11/29/mais-de-20percent-da-populacao-brasileira-tem-algum-tipo-de-deficiencia.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SANTOS, Sarah. A solidão da mulher com deficiência. **Catarinas**, 11 jun. 2018. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/a-solidao-da-mulher-com-deficiencia/>. Acesso em: 8 abr. 2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida Independente**. São Paulo: CVI Araci Nallin, 2003.

SENADO NOTÍCIAS. Libras pode se tornar disciplina obrigatória nas escolas públicas. **Senado Notícias**, 5 out. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/10/05/libras-pode-se-tornar-disciplina-obrigatoria-nas-escolas-publicas>. Acesso em: 28 mar. 2021.

TECCHIO, Manuela. Quarentena movimentada: apps como Tinder e Happn têm aumento de acessos. **CNN Brasil**, 13 mai. 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/05/13/durante-isolamento-apps-como-tinder-e-happn-registram-aumento-nas-interacoes>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TORQUATO, Mariana. Capacitismo. **YouTube**, 8 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTLBZkzqtpk>. Acesso em: 08 mar. 2021.

WEREBE, M. J. G. Corpo e sexo: imagem corporal e identidade sexual. *In*: D'AVILA NETO, M. I. **A negação da deficiência**: a instituição da diversidade. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1984.

YOUNG, Stella. Stella Young: Eu não sou sua inspiração, muito obrigada. **YouTube**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8K9Gg164Bsw>. Acesso em: 14 mar. 2021.

APÊNDICE

APÊNDICE A – FORULÁRIO USADO PARA ENTREVISTAS

03/05/2021

Os aplicativos de relacionamento afetivo e o público de PCD's

Os aplicativos de relacionamento afetivo e o público de PCD's

Olá! Me chamo Gabriel, estou me formando agora em Comunicação Organizacional na Universidade de Brasília (UnB), e o tema do meu TCC é "Aplicativos de relacionamento afetivo e o público de PCD's".

Estou muito feliz que você topou participar dessa pesquisa e saiba que aqui quero saber um pouquinho sobre você, sua percepção sobre esses aplicativos e sua opinião sobre alguns assuntos que servirão de insumo para minha monografia.

Desde já, agradeço sua disponibilidade! Vamos nessa?

***Obrigatório**

1. Qual seu nome? *

2. Qual sua idade? *

3. Qual gênero você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Outro
- Prefiro não dizer

03/05/2021

Os aplicativos de relacionamento afetivo e o público de PCD's

4. Qual orientação sexual você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Assexual
- Panssexual
- Prefiro não dizer

5. Qual sua etnia? *

Marcar apenas uma oval.

- Negro
- Pardo
- Indígena
- Amarelo
- Branco
- Outro: _____

6. Agora, me conta um pouquinho da sua história? *

03/05/2021

Os aplicativos de relacionamento afetivo e o público de PCD's

7. Legal! Quería saber se você já utilizou algum aplicativo de relacionamento? Se sim, qual? Ex: Tinder, Happn, Grindr, Badoo, Hornet, etc. *

8. Se você já utilizou esses apps, no seu perfil você colocou a informação de que você é uma PCD?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

9. Nesses apps, como foi seu relacionamento com as pessoas? *

Marcar apenas uma oval.

- Já conheci uma(s) pessoa(s)
 Já saí para um encontro
 Já namorei/casei com alguém
 Não passou de uma conversa
 Conversamos, mas nada aconteceu
 Nunca conheci ninguém

03/05/2021

Os aplicativos de relacionamento afetivo e o público de PCD's

10. Você acha que o(s) aplicativo(s) de relacionamento estão adaptados para todas as Pessoas Com Deficiência (PCD's) utilizarem de forma fácil, simples e acessível? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Alguns sim
 Não

11. Você acharia interessante um app de relacionamento apenas para PCD's? Justifique. *

12. O que você acha, de forma geral, desses apps? Você acha que as PCDs se sentem à vontade, confortáveis neste canal de relacionamento? *

E chegamos ao fim! Viu como foi rápido? Muito obrigado por contribuir com a sua opinião, saiba que ela vai me ajudar muito nessa reta final da graduação. Foi um prazer te conhecer e um grande abraço!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.